

cesso... E' um navio velho que vamos desen-
cravar... Tudo pronto, você e eu ficaremos
provavelmente com mais de um milhão cada
um. Basta só que você assine...

Sampaio, sem desejar ofender, perguntou:

— Creio na lisura da iniciativa, mas há
algum inconveniente a considerar?

— Bem, o assunto envolve alguns interes-
ses de repartições públicas, mas temos noventa
e nove probabilidades a nosso favor...

— E se falharem as noventa e nove?...

— Ah! Se vier o contra — informou o
amigo, evidentemente desapontado —, teremos
entrevista no Distrito Policial.

Sampaio, sem perder a serenidade, falou
simples:

— Não vale a pena.

E recomeçou a espanar.



Claudino e a lavoura

Entre Barra do Piraí e a vila de Juparanã,
no Estado do Rio, Claudino Dias, denodado
seareiro espírita barrense, havia plantado gran-
de milharal de parceria com um amigo.

O sócio, lavrador de prol, cuidava da gle-
ba, e Claudino, que aceitara o negócio na in-
tensão de ajudar uma instituição de caridade,
financiava o cometimento.

De vez em vez, os dois, juntos, iam namo-
rar a cultura viçosa de que as águas do Pa-
raíba eram farto sustento.

Surgindo a época das espigas iniciantes,
mãos anônimas começaram talando a roça.

— Sr. Claudino — vinha José, o sócio,
notificar, dia a dia —, o produto está sendo
surripiado. Alguém está fazendo *comércio* de
milho verde, à nossa custa.

— José — recomendava o amigo —, vigie
com critério. Se você apanhar o responsável,
não faça violência. Dê conselhos...

E na manhã seguinte, José aparecia, renovando a denúncia.

Porque o resto do milho amadurecesse e o furto continuasse, numa noite de luar Claudino resolveu inspecionar a roça, ele mesmo.

Caminhou, em silêncio, quase uma hora, até que atingiu a margem do rio. Alguns momentos depois de zero hora, descansou, em prece, sob copada árvore.

Decorridos alguns minutos, notou que alguém quebrava o milho com discrição.

Tac... tac... tac... tac... Recordou o Evangelho e mentalizou as palavras que iria dizer. Não feriria o irmão que aproveitava a noite para roubar.

Avançou devagarinho... Mas, a poucos metros, vê o intruso.

E' o próprio parceiro da lavoura, arrancando espigas, despreocupado.

Claudino recua.

Ele, que desejava surpreender, não quer ser agora surpreendido.

Compadece-se do amigo e afasta-se em silêncio.

No dia seguinte, o sócio vem de novo comunicar-lhe que a roça estava sumindo...

— José — diz o companheiro, em tom paternal —, realmente a lavoura tem dado a você muitos problemas e prejuízos, mas desejo ajudá-lo. Não precisa pensar em mim. A plan-

tação é toda sua. De hoje em diante, você é o dono. Pode agir à vontade...

— Oh! Oh! Muito obrigado. O senhor é um santo... — falou o amigo.

E continuou:

— Agradeço muito, mas queria convidar o senhor para plantarmos dois alqueires de amendoim.

Claudino sorriu e respondeu:

— Muito grato pelo convite, mas agora não posso. Meus deveres são muitos.

E ante o amigo desapontado, concluiu:

— Mas Deus é sócio de todos nós e estará com você...

